

MULTIDÃO QUEER: REFLEXÕES SOBRE O CARÁTER POLÍTICO E CONTRA-HEGEMÔNICO DE EVENTOS VOLTADOS A CORPOS DISSIDENTES

GUSTAVO PIRES IBEIRO¹; CAMILA PEIXOTO FARIAS²; ALINE ACCORSSI³

¹Universidade Federal de Pelotas – gustavoppires7@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O percurso aqui abordado refere-se a um recorte de uma pesquisa de mesma autoria desenvolvida no projeto “Mariposas”, grupo da linha Saberes Insurgentes e Pedagogias Transgressoras do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel. Neste espaço, procuro dialogar sobre possibilidades de existência e protagonismo de pessoas de gênero e sexualidades dissidentes das normas sociais. Para isso, tomamos como base a produção de eventos noturnos (festas) que são realizadas buscando a construção de um espaço de acolhimento e liberdade para pessoas lgbtqia +.

Segundo SILVA; ALVES; ISAYAMA (2021), há diversos tipos de violência acometidos à comunidade lgbtqia +, como a homofobia, lesbofobia, bifobia e a transfobia em seus mais diversos níveis, e estes estão principalmente ligados à transgressão do que é construído, normatizado, transmitido e, por fim, compreendido, enquanto modelo cisheteronormativo de viver e expressar gêneros e sexualidades em nossa sociedade. Para tanto, as experiências de corpos dissidentes das normas e suas multiplicidades acabam fazendo-os ocupar muitos espaços no imaginário coletivo que está de acordo com os códigos normativos: o do incômodo, de provocação, de subjugação, vulgaridade, promiscuidade, de questionamento (DILAURETIS, 2021; LOURO, 2016). Paradoxalmente, espaços físicos comuns acabam se tornando limitados para estas vidas, pois sua “presença desviante” muitas vezes as levam a vivenciar situações de constrangimento, humilhação, entre outras violências (FAVERO, 2022).

É neste sentido que espaços de sociabilidade se mostram resistência (ALMEIDA, 2021) ao regime discursivo em que vivemos, com eventos pensados e produzidos especificamente para este público, trazendo representatividade e oferecendo protagonismo para experiências lgbtqia + com maior segurança. Dessa forma, meu trabalho parte do diálogo sobre a constituição da cena noturna e suas repercussões para corpos dissidentes. Especificamente, utilizo como exemplo a produção de eventos voltados à comunidade lgbtqia + no Galpão Satolep, na cidade de Pelotas/RS, fomentando reflexões sobre experiências identitárias que não se alinham à norma e a importância do gueto (McRAE, 2018).

2. METODOLOGIA

O presente trabalho é desenvolvido através de uma metodologia qualitativa, se enquadrando em uma cartografia de cenas musicais. Segundo

RICHTER; OLIVEIRA (2017), a cartografia pode ser entendida como uma prática onde a pessoa pesquisadora transita pelos territórios possíveis da pesquisa, acompanha e mapeia os processos e afetos que se dão entre a sua existência/suas vivências e o espaço em que faz o percurso. A pesquisa se constrói no caminho, sem previsibilidade do que está por vir, portanto compreendemos este como um método aberto e subjetivado de se trabalhar no encontro de vicissitudes (COSTA, 2014).

Cartografar uma cena musical, portanto, seria uma forma de explorar um território para identificar manifestações culturais relacionadas à música, independente do nível em que a prática musical esteja empregada, como aponta MAZER (2017). Baseado nesta mesma autora, busco realizar a pesquisa através de narrativas dos meus próprios afetos na produção de eventos, além de tudo que posso observar enquanto formas de sociabilidade, existência e protagonismo dos sujeitos plurais que frequentam e constroem trajetórias em festas lgbtqia +. A partir das reverberações insurgentes da relação entre o que posso vivenciar e o que encontro na teoria (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006), crio reflexões sobre a importância destes espaços sobre temas como identidade, expressão de gênero e outras complexidades referentes à corpos dissidentes.

Considero também importantes componentes ético-metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa, como manter uma postura crítica e aberta ao trabalhar com temas como grupos subalternizados. Além disso, a metodologia de envolvimento está sob limitações do próprio saber localizado da autoria (HARAWAY, 1995), ou seja, o percurso é influenciado por posições corporificadas e efeitos produzidos por marcadores como a branquitude, a cisgeneridade e o patriarcado. Tais atravessamentos garantem percepções únicas, lugares onde me é permitido chegar ou não, o que exige o compromisso de reconhecer as estruturas sociais de dominação, exercitar o pensamento decolonial e manter uma visão crítica sobre como produzo, evitando que meu trabalho seja mais um reflexo de opressão do *cis-tema* (RIBEIRO; COSTA; D'ÁVILA, 2021)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de MACRAE (2018), compreendo que a abertura de espaços para manifestações de pessoas pertencentes à comunidade lgbtqia +, para além de gerar possibilidades de “refúgio” e também de empoderamento destas identidades, pavimenta um caminho para repensarmos as estruturas dos comportamentos e padrões sociais normativos. Em diálogo com ALMEIDA (2021), podemos pensar que estes ambientes contribuem para produção subjetiva, ou indo um pouco além, para reorganização, já que as experiências em locais lgbtqia + fazem um movimento subversivo de contribuir para rupturas na ideia de identidades de gênero homogêneas, principalmente através do caráter performativo plural que assumem (BUTLER, 2018).

Fundamentado pela necessidade de espaços onde existências *queer* possam ser reconhecidas e experienciem livremente suas identificações sócio-identitárias, busco exemplos próximos. Na cidade de Pelotas, RS, existem

poucas casas de festa que se auto identificam como aliadas lgbtqia +. Uma delas é o Galpão Satolep, localizado marginalmente na zona do Porto da cidade e conhecido por promover a cultura *underground* através de uma enorme diversidade de eventos. No entanto, o principal alicerce de reconhecimento da casa, em suas duas décadas de vida, dá-se pelos vínculos principalmente aos movimentos negro, lgbtqia + e estudantil da região.

Após começar a trabalhar como DJ, e, posteriormente, como produtor de eventos na casa, entrei ainda mais em contato com as demandas dos espaços e os propósitos de lazer associados às vidas dissidentes. Dessa forma, passei a priorizar a reinvenção das festas que criava em prol da inclusão feita por e para a cultura lgbtqia +, o que motivou a propor a organização de festas como Ô Baile! e a *Cunt Club*, ambas com mais de 15 edições realizadas entre 2022 e 2025.

Segundo a própria descrição tecida em 2023, época da primeira edição da *Cunt Club*, tínhamos a intenção de criar um espaço que “transcende níveis de gostos e interesses, emergindo para movimentar a cena da cultura *pop* como um ato político imbricado especialmente na representatividade de raça, gênero e sexualidade e sua liberdade de expressão (...)”. Pessoas negras, trans, travestis e *drag queens* como convidadas (acesso gratuito por listas de afirmação, das quais eram incomuns nos eventos locais na época), além de uma divulgação referenciando elementos a serem reconhecidos essencialmente pela comunidade lgbtqia +, tornaram o evento um sucesso, gerando repercussões virtuais e em diversos espaços sobre a importância de criar e movimentar ambientes seguros para corpos dissidentes se expressarem de forma aberta.

O que posso observar nestes eventos? Sobretudo, uma grande diversidade de comportamentos, destacando-se a pluralidade que compõe performances *queer*, seja através de movimentos, fantasias e roupas extravagantes, carisma, singularidade, ousadia, talento (tradução para a sigla C.U.N.T., utilizada no ballroom para *charisma/uniqueness/nerve/talent*). Nos deparamos com a desobediência de gênero: pessoas se vestindo e se expressando de formas como diariamente (e/ou na luz do dia) não são vistas, e muito provavelmente seriam julgadas/violentadas. Nas entrelinhas, e de forma mais literal, entre as rachaduras de paredes e chão de um galpão velho, percebe-se a transformação de um evento num organismo vivo, onde o “*maremoto queer*” (FAVERO, 2022) passa a protagonizar e permite que se enxerguem as mais plurais formas de existência.

O desenvolver da pesquisa da qual se faz o recorte do presente trabalho parte principalmente da análise descritiva da criação destes eventos, a observação de cenas e a repercussão que apresentam dentro da comunidade. Pretendo, dessa forma, criar reflexões que contemplem diferentes dimensões sobre a existência das pistas de dança, do lazer noturno e de espaços de sociabilidade voltados especificamente a pessoas lgbtqia +, estas que compõem uma multidão *queer* alicerçada à ideia de desterritorialização (PRECIADO, 2011), de enfraquecimento de laços da cultura cisheterossexual normativa e opressora.

4. CONCLUSÕES

Por meio do presente trabalho, busco apresentar uma pesquisa que analisa a produção das festas e de outros eventos voltados à comunidade lgbtqia + para dialogar sobre questões subjetivas, sociais e principalmente referentes às estruturas e relações de poder que nos constituem. Compreendo a produção como um movimento contra-hegemônico, que oferece visibilidade a partir do caráter político oferecido à estes espaços, e, conseqüentemente, às plurais formas de vidas que os frequentam, tensionando a métrica cisheteronormativa agenciadora de violências. Reforça-se, por fim, o compromisso social deste trabalho com corpos dissidentes e com o movimento de resistência às estruturas hegemônicas, mesmo que parta das entrelinhas ou das margens da sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, D. E. R. G. Política e resistência no lazer noturno homossexual, **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 4, p. 1251-1267, São Carlos, SP, 2020.
- BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade (Tradução Renato Aguiar), **Civilização Brasileira**, n. 1, Rio de Janeiro, 2018.
- COSTA, L. B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, RS, vol. 7, n. 2, p. 66-77, 2014.
- DILAURETIS, T. Gênero e Teoria Queer (Tradução de Gabriel Bosco Vaz da Silva). **Albuquerque: Revista de História**, online, v. 13, n. 26, p. 165-171, 2021.
- FAVERO, S. **Psicologia Suja**. Salvador, BA: Devires, 2022.
- FIGUEIREDO, L. C; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, 2006.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, v. 5, p.7-41, 1995
- LOURO, G. L. Teoria Queer - Uma Política Pós-Identitária para a Educação, **Estudos Feministas**, Florianópolis, SC, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.
- MACRAE, E. Em defesa do Gueto. In: MCRAE, E. **A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”**, Salvador, BA, p. 51-66, 2018.
- MAZER, D. H. Retórica do passeio: a cartografia de cenas musicais como método de pesquisa. In: **40º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, São Paulo: Intercom, p. 1-15, 2017.
- PRECIADO, B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”, **Estudos Feministas**, Florianópolis, SC, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.
- RIBEIRO, L. P; D’ÁVILA, I. C. F.; COSTA, M. E. Ética, pesquisa e sujeitos LGBTIA+: reflexões sobre o lugar e o posicionamento de quem escreve. **Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 8, n. 16, p. 145–158, 2021.
- RICHTER, I.Z.; OLIVEIRA, A.M. Cartografia como metodologia: uma experiência de pesquisa em Artes Visuais. **Revista Paralelo 31**, Belo Horizonte, MG, v. 8, p. 28-38, 2017.
- SILVA, L. C. X.; ALVES, C.; ISAYAMA, H. F. As Políticas Públicas e as Pautas LGBT+ no Brasil. **Corpoconsciência**, Cuiabá, MT, v. 25, n. 3, p. 206-221, 2021.